

# A Música como metáfora narrativa em musicoterapia: alguns apontamentos <sup>1</sup>

**Gustavo Schulz Gattino**

email: [gattino@hum.aau.dk](mailto:gattino@hum.aau.dk)

Professor Assistente na Universidade de Aalborg (Dinamarca) onde leciona nos cursos de bacharelado, mestrado e doutorado em musicoterapia. Professor convidado dos cursos de mestrado em musicoterapia do Instituto IMAP (Espanha) e Universidade Católica de Valência (Espanha).

**Resumo:** O conceito da música como metáfora narrativa em musicoterapia é uma opção clara para explicar o que ocorre no processo musicoterapêutico. Este artigo tem a proposta de apresentar este conceito e de mostrar duas possíveis aplicações da metáfora narrativa na prática musicoterapêutica: *uso do conceito de metáfora narrativa em musicoterapia juntamente com o conceito de analogia e a utilização do conceito de metáfora narrativa em musicoterapia no contexto da composição de canções (songwriting)*. A metáfora pode ser compreendida como uma possibilidade de dar sentido à narrativa musical do paciente. A narrativa do paciente se baseia na sua história de vida, clínica e sonoro-musical e seria cantada/tocada/encenada para expressar seu mundo externo. A metáfora narrativa tem um entendimento simples, mas ao mesmo tempo profundo sobre como o musicoterapeuta pode analisar e interpretar o que ocorre no *setting* musicoterapêutico.

**Palavras-chave:** Música como metáfora. Narrativa. Musicoterapia.

---

<sup>1</sup> Trabalho inscrito no concurso “Lia Rejane Mendes Barcellos: vida e obra” promovido pelo Seminário Estadual de Musicoterapia - 50 anos da AMTRJ: De onde viemos, para onde vamos? Rio de Janeiro, Setembro de 2018.

## **Introdução**

Ao receber o convite para escrever a respeito da obra da musicoterapeuta Lia Rejane Mendes Barcellos, me senti lisonjeado e ao mesmo tempo preocupado pelo tamanho da responsabilidade. Temos algumas ressonâncias nas nossas histórias, pois nascemos no estado do Rio Grande do Sul, mas vivemos distantes da nossa terra natal. Talvez essa percepção “relativa” sobre onde estamos no mundo é que me permitiu uma forma empática para abordar a obra de Barcelos. Escrever sobre o trabalho da principal teórica da musicoterapia brasileira exigiu da minha parte muita leitura e imersão na obra desta musicoterapeuta. O que falar exatamente neste artigo? A partir da minha experiência no campo da avaliação em musicoterapia, optei por abordar o tema da música como metáfora em musicoterapia. Espero que desfrutem da leitura deste artigo da mesma forma que eu desfrutei deste momento de escrita.

A interpretação e análise do material sonoro produzido pelos pacientes em musicoterapia é uma parte fundamental do processo musicoterapêutico (WALDON & GATTINO, 2018). Segundo Barcellos, esta forma de explicar o que ocorre em musicoterapia pode ser entendida como leitura musicoterápica: a análise musical que é feita articulando os aspectos musicais produzidos pelo paciente à sua história de vida, à sua história clínica e/ou, ainda, ao seu momento (BARCELLOS, 2012). No entanto, ainda nos dias de hoje, muitos musicoterapeutas utilizam teorias de outras disciplinas para explicar as diferentes dinâmicas e acontecimentos oriundos do *setting* musicoterapêutico. Esse fato é no mínimo intrigante já que a musicoterapia é uma disciplina independente a qual possui as suas teorias e conceitos que foram desenvolvidas ao longo dos últimos 60 anos. Inclusive, no ano de 2013 foi publicado o primeiro dicionário internacional de musicoterapia, organizado por Kevin Kirkland, o qual inclui os principais conceitos utilizados em musicoterapia, tendo a contribuição de mais de cinquenta musicoterapeutas de diferentes países para escrever os diferentes conceitos deste dicionário. Entre os termos presentes no dicionário, está o conceito de “metáfora” em musicoterapia.

O conceito de metáfora em musicoterapia descrito no dicionário internacional de musicoterapia foi elaborado por Lars Ole Bonde, inspirado no conceito de metáfora “espacial” do musicoterapeuta norte-americano Kenneth Aigen (BONDE, 2013). Segundo este conceito, a metáfora espacial se refere a

experiência da música como movimento no espaço. A metáfora é uma ferramenta básica para entender e expressar que uma coisa no lugar de outra. Este entendimento está intimamente relacionado com o corpo e ele se refere justamente a cognição do corpo que é transferida para outras experiências. Bonde explica que esta é a razão pela qual dizemos que a alegria está para cima, enquanto a tristeza está para baixo. Emoções e experiências corporais estão relacionadas porque elas compartilham algo. Nós fazemos o uso da transferência a partir da mais simples experiência corporal para experiências emocionais. Tal como acontece com a emoção, a música pode ser melhor entendida quando a estrutura musical é conceituada metaforicamente, mapeada desde a experiência do corpo físico.

Ainda que exista uma descrição sobre metáfora no dicionário de internacional de musicoterapia, este conceito não trata do entendimento da metáfora como narrativa do paciente em musicoterapia, o qual foi elaborado pela musicoterapia Lia Rejane Mendes Barcellos no ano de 2009. Talvez a razão para não incluir este conceito no dicionário se deve ao fato que ele só foi publicado oficialmente para a língua inglesa em 2012 em um artigo escrito por Barcellos para a Revista Voices (uma das principais publicações científicas no campo da musicoterapia). Curiosamente, também em 2012 o musicoterapeuta holandês Henk Smeijsters publica um artigo intitulado “Analogy and metaphor in music therapy. Theory and practice” onde trata do tema da metáfora, porém apenas com a visão da metáfora espacial. Nesse sentido, o conceito de metáfora narrativa não foi abordado por este autor.

Devido ao caráter inovador e relevante deste conceito criado por Barcellos para a musicoterapia enquanto disciplina, ele é seguramente um marco na história internacional da musicoterapia e merece ser aqui discutido e destacado dentro da obra desta musicoterapeuta brasileira, a maior referência do país até hoje no cenário internacional. Este artigo tem a proposta de apresentar este conceito e mostrar duas possíveis aplicações deste conceito na prática musicoterapêutica. Contudo, antes de apresentar o conceito de metáfora narrativa em musicoterapia, é preciso preparar o leitor para que ele possa entender exatamente onde este conceito se insere no processo musicoterapêutico e em que parâmetros ele é aplicado.

### **Preparando o leitor para o conceito de metáfora narrativa em musicoterapia**

Antes de explicar o conceito de metáfora proposto por Barcellos é importante situar onde ele se encontra no processo musicoterapêutico e de que maneira é utilizado. O processo musicoterapêutico pode ser entendido como um processo onde o musicoterapeuta através das experiências musicais ajuda o paciente em suas demandas para objetivos de promoção de saúde, tratamento e reabilitação. Um processo musicoterapêutico possui diferentes etapas e segundo a Associação Americana de Musicoterapia (2013), o processo pode ser organizado em seis etapas: 1. Encaminhamento (primeiro contato com o paciente onde se avalia se esta pessoa é elegível ou não para a musicoterapia); 2. Avaliação inicial (verificação das potencialidades e dificuldades do paciente por meio de experiências musicais); 3. Elaboração do plano de tratamento (definição dos objetivos terapêuticos e elaboração de um documento formal sobre o que será trabalhado com o paciente); 4. Implementação do tratamento (utilização das experiências musicais para atingir os objetivos terapêuticos propostos), 5. Avaliação do processo ou documentação (o musicoterapeuta irá verificar se os objetivos terapêuticos foram atingidos ou não); e, 6. Término ou alta (término do processo onde o musicoterapeuta realiza um fechamento com o paciente para dar uma devolutiva de tudo que foi atingido ao longo do processo).

Em todas essas etapas descritas acima, o musicoterapeuta realiza práticas avaliativas que facilitam o entendimento do processo e a coleta de informações sobre o paciente para planejar ações futuras no processo (GATTINO ET AL., 2018). Quando pensamos em uma prática avaliativa em musicoterapia, ela também é organizada em distintas etapas e essas etapas se repetem independentemente do tipo de avaliação utilizada pelo musicoterapeuta (observação, uso de testes, revisão de documento e entrevistas) (WALDON & GATTINO, 2018). O musicoterapeuta normalmente aplica uma experiência musical que pode ser avaliada (recriação, composição, improvisação ou audição musical), registra essa experiência (por meio de uma gravação, partitura ou por um documento escrito realizado após a sessão), transcreve a informação registrada (o musicoterapeuta irá organizar a informação em tabelas, textos sobre o processo, etc.), irá analisar e interpretar as informações (utilizando teorias e conceitos da musicoterapia) e por fim irá escrever conclusões sobre a sua avaliação.

O leitor pode estar se perguntando: afinal, onde está a metáfora narrativa no meio de todas essas descrições? Justamente a metáfora narrativa é um

conceito que o musicoterapeuta utiliza em todas as etapas do processo musicoterapêutico para avaliar o conteúdo musical produzido pelo paciente, especialmente na etapa de análise e interpretação das informações transcritas sobre as experiências musicais produzidas no setting musicoterapêutico pelo paciente. Em outras palavras, a metáfora narrativa é utilizada para explicar como o paciente utilizou os diferentes parâmetros musicais em dado momento do processo musicoterapêutico e como esta forma de usar os parâmetros musicais se relaciona especificamente com a sua história clínica. Além disso, é importante salientar que mesmo na etapa avaliativa de implementar uma experiência musical (ou seja, na própria sessão de musicoterapia) o musicoterapeuta também tem a oportunidade de analisar e interpretar o que acontece com o paciente a partir da metáfora narrativa. Se a metáfora narrativa precisa ser entendida a partir de diferentes parâmetros musicais, Bruscia (1987) traz um entendimento claro sobre quais parâmetros musicais devem ser considerados em uma prática avaliativa em musicoterapia. Eles são: estabilidade rítmica, figuração rítmica, estabilidade tonal, melodia, harmonia, textura, volume, timbre, texto, estilo musical. Ou seja, a metáfora narrativa em musicoterapia pode ser aplicada a partir destes parâmetros musicais que podem ser analisados de forma integrada ou de modo separado. Além destes citados por Bruscia, Barcellos ainda coloca que o corpo, enquanto postura e gestos também precisa ser considerado como um parâmetro a ser analisado e interpretado como metáfora narrativa em musicoterapia.

### **A música como metáfora narrativa em musicoterapia**

Segundo Barcellos, a metáfora pode ser compreendida como uma possibilidade de dar sentido à narrativa musical do paciente (Barcellos, 2012). A narrativa do paciente se baseia na sua história de vida, clínica e sonoro-musical e seria cantada/tocada/encenada para expressar seu mundo externo. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. A música pode ser utilizada como meio de expressão do mundo interno e como a possibilidade de dar sentido a ele. Pela sua natureza polissêmica, a música pode se adaptar ou carregar o sentido que o paciente quer ou necessita expressar. Ela pode estar “no lugar” daquilo que o paciente quer expressar, ou seja, a música pode ser portadora de efeito de sentido metafórico da sua expressão. As construções teóricas sobre a música como metáfora em musicoterapia foram

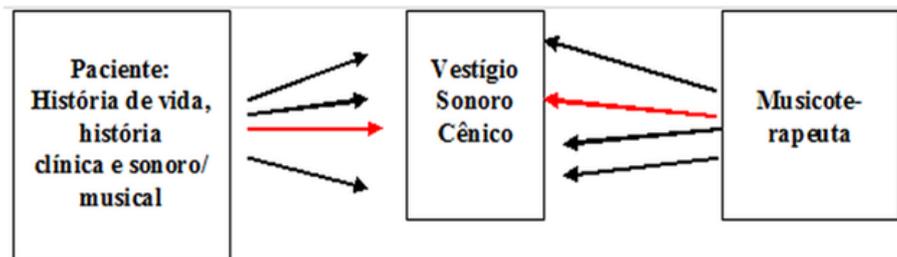
fundamentadas por Barcellos no Modelo Tripartite de Molino/Nattiez. Conforme esse modelo, o fenômeno musical, tal como o fenômeno linguístico ou o fenômeno religioso, não pode ser corretamente definido ou descrito sem levar em consideração o seu triplo modo de existência: como objeto arbitrariamente isolado (imane), como objeto produzido (poesis) e como objeto percebido (estesis). Nesse sentido, a análise musical preconizada por Molino/Nattiez, não aceita “apenas” a análise estrutural ou do nível imanente, como, também, na musicoterapia, a análise exclusiva do nível imanente (tal como um vestígio) não daria conta de explicar como está o paciente. Isto só seria possível, incluindo-se, também, os níveis poiético e estésico, ou seja, o fato total. A figura 1 resume esta relação entre música, sentido e musicoterapia segundo este modelo específico.



**Figura 1.** Música, Sentido e Musicoterapia, à luz do Modelo Tripartite Molino/Nattiez

Toda a ação e produção humanas deixam vestígios materiais que são acessíveis aos cinco sentidos. Estes vestígios são as pistas através das quais há a possibilidade de se construir o personagem da narrativa e têm uma realidade material, uma forma, constituindo-se como um vestígio. São formas simbólicas por serem portadoras de significações para quem as produz. Barcellos exemplifica o seu conceito de metáfora através de vários casos e um dos mais emblemáticos na minha visão é o caso Pedro. Segundo Barcellos (2009), Pedro era um menino normal de oito anos de idade que foi trazido pela mãe. A mãe descreve que Pedro “não vive a afetividade”. De acordo com a mãe, “ele não chora, não tem raiva, não expressa o que sente. É uma criança que poderia viver com toda a sua potencialidade, mas não vive porque não consegue e ainda não tem fantasias. Para ele, tudo é muito objetivo.” Ela queria que ele fosse levado a se expressar mais. Em um momento do processo musicoterapêutico, Pedro é internado no hospital para a realização de uma cirurgia, e durante uma sessão realizada nesse momento ele tenta executar parte da “Marcha Fúnebre” (do 3º movimento da Sonata em Si b menor, de Chopin) no teclado. A musicoterapeuta nota que algo de diferente

ocorreu naquele momento. Ela indaga porque ele tocou aquela melodia específica. O paciente não responde. Meses depois, o paciente conta que tocou aquela melodia porque tinha medo de morrer. Justamente, ele explica que essa era a música que tocava sempre que um personagem morria em um desenho animado. Assim, o paciente expressa de forma metafórica, através da música, uma narrativa sobre o momento que está vivendo. Ele conta por meio de uma melodia como se sente, onde a música tem uma relação direta com algo que aconteceu e que ainda está acontecendo e que tem um impacto direto na história presente do paciente. Portanto, para que a metáfora em musicoterapia seja entendida como tal, o musicoterapeuta necessita de informações sobre a história do paciente, além da produção musical (no caso de Pedro, aqui estão o medo da morte e o tocar teclado, ambos entendidos como poesis) para que possa receber e interpretar (como estesis) aquilo que o paciente deixa como vestígio (melodia da marcha fúnebre) de modo a dar sentido para a narrativa do paciente.



**Figura 2.** Resumo do modelo da música como metáfora narrativa em musicoterapia proposta por Barcellos

### **Aplicações do conceito de metáfora narrativa em musicoterapia para prática clínica**

Nos últimos anos, um dos temas que mais tenho pesquisado é o uso de diferentes teorias e conceitos da musicoterapia para explicar as experiências musicais produzidas pelos pacientes no *setting* musicoterapêutico. Há um número crescente de escalas de avaliação, métodos de observação, modelos de entrevistas que foram produzidos nos últimos anos. No entanto, o número de publicações sobre como explicar os distintos fenômenos em musicoterapia com teorias e conceitos da musicoterapia ainda é pequeno. Tal como citei na introdução deste artigo, ainda é comum usar teorias de outras disciplinas para explicar o que ocorre

dentro da nossa própria prática. Justamente por conta dessa situação, proponho aqui duas possibilidades para a utilização do conceito de metáfora narrativa em musicoterapia para interpretar as experiências o conteúdo musical em diferentes situações. A ideia é aqui é mostrar a versatilidade deste conceito de metáfora que pode ser adaptado a qualquer teoria que fundamenta um determinado modelo ou instrumento de avaliação em musicoterapia.

*Uso do conceito de metáfora narrativa juntamente com o conceito de analogia em musicoterapia*

O musicoterapeuta holandês Henk Smeijsters estabeleceu um conceito chamado “analogia” em musicoterapia o qual se refere às formas analógicas que nós utilizamos para comunicar os nossos estados internos através da música (SMEIJSTERS, 2012). Segundo esse autor, a analogia se refere a modos de expressar no “aqui e agora” como estamos nos sentindo através das nossas manifestações e usos particulares de distintos parâmetros musicais. Smeijsters acredita que utilizamos musicalmente as mesmas formas de comunicação que utilizávamos quando éramos bebês e não tínhamos a capacidade de falar (mesmo o bebê modula musicalmente os seus sons e o seu choro para comunicar algo). Da mesma forma, esse autor acredita que a forma que nos comunicamos através da música remete a algumas formas “primitivas” para comunicar o que desejamos. Ou seja, comunicamos musicalmente aspectos não racionais, mas que são fundamentais para expressar o que está em nossa consciência central. É possível então entender o conceito de Smeijsters para explicar situações onde a palavra não está presente e onde toda a interpretação é feita sobre o “aqui e agora”.

Em situações onde não se conhece suficientemente o paciente, a interpretação analógica é fundamental, pois o uso da metáfora narrativa torna-se complicado neste tipo de situação, já que não é possível fazer referências à história do paciente (de vida, clínica e sonoro-musical) com o que foi tocado (dentro de uma relação poesis, nível imanente e estesis). Justamente para melhorar a qualidade da leitura musicoterápica, integrando a metáfora narrativa com o conceito de analogia em musicoterapia, o musicoterapeuta pode proporcionar situações de verbalização, por exemplo, por parte do paciente ou por alguém da sua família, para permitir um entendimento sobre o que aconteceu na música e de que forma isso se relaciona a história do paciente. Não é por acaso que Bruscia

(1987) em suas sessenta e quatro técnicas de improvisação em musicoterapia propõe uma categoria de técnicas de discussão verbal. Essas técnicas têm justamente a proposta de permitir interpretações metafóricas onde o paciente vai relacionar o que tocou com o seu discurso. Ainda que Bruscia atribua o uso dessas técnicas para a improvisação, elas podem ser utilizadas também para os outros tipos de experiências musicais. Seguem aqui as técnicas de discussão de Bruscia:

**Conectar:** verbalizar ou perguntar ao paciente como vários aspectos de suas experiências ou expressões se relacionam entre si.

**Sondar:** pedir ou fazer declarações que extraíam informações do paciente.

**Esclarecer:** levar o paciente a elaborar, esclarecer ou verificar as informações que já foram oferecidas.

**Resumir:** recapitular verbalmente os eventos realizados e coloca-los de forma concisa, ou revisar as experiências do paciente ou as respostas durante uma fase específica da terapia ou da situação da vida.

**Feedback:** verbalizar como o cliente pode aparentar, soar ou sentir na visão de outra pessoa.

**Interpretar:** ofereça possíveis explicações para as experiências do cliente.

**Metaprocessamento:** leve o cliente a mudar para um nível de consciência que lhe permita observar e reagir ao que ele está fazendo ou sentindo.

**Reforçar:** recompense o cliente ou retire o reforço, de acordo com o seu comportamento.

**Confrontar verbalmente:** desafiar o cliente, apontar discrepâncias ou contradições em suas respostas.

**Revelar:** revelar algo pessoal ao cliente, falar de si mesmo durante uma sessão.

Dessa forma, o musicoterapeuta pode realizar uma interpretação primeiramente analógica enquanto toca com o paciente e em um momento seguinte através de técnicas de discussão verbal realizar interpretações metafóricas visando entender a narrativa do paciente. Aliás, quando pensamos no uso da metáfora narrativa, ela fala sobre o paciente (poesis), porém tendo em consideração como o musicoterapeuta irá interpretar essa narrativa (estesis) a partir dos seus vestígios (nível imanente). Na minha prática clínica como musicoterapeuta eu utilizo esta forma de integrada (analogia e metáfora narrativa) em musicoterapia tanto para sessões no formato individual quanto no contexto de grupo.

*Utilização do conceito de metáfora narrativa em musicoterapia no contexto da composição de canções (songwriting)*

Existem diferentes formas de expressar o que sentimos em musicoterapia, uma delas é através da composição de canções (BAKER, 2016). O musicoterapeuta pode utilizar as experiências de *songwriting* principalmente para marcar como o paciente entende a narrativa da sua própria vida em um dado momento do processo musicoterapêutico. Quando criamos algo, segundo as neurociências, estamos lidando diretamente com dois tipos de criatividade, a criatividade intuitiva (centrada nas emoções) e a criatividade executiva, onde aquilo que criamos está diretamente conectado a algo que aprendermos. Justamente, a beleza da composição de canções em musicoterapia está na forma em que o paciente integra essas duas formas para criar algo musicalmente (SOWDEN ET AL, 2015). A partir da metáfora narrativa, para o musicoterapeuta é mais importante observar as manifestações da criatividade intuitiva, pois esta possivelmente irá trazer conteúdos em que se pode relacionar diretamente com a história clínica do paciente. Trago um exemplo para ilustrar esse uso da metáfora narrativa.

Em uma sessão de grupo numa clínica de saúde mental para adolescentes usuários de crack, eu propus uma improvisação livre e a seguir a composição de uma canção. Saliento que no contexto deste grupo os pacientes eram sempre diferentes a cada semana de atendimento, onde não era possível ter tempo suficiente para trabalhar cada uma das seis etapas do processo musicoterapêutico. Dessa forma, a ideia era realizar sessões que permitissem principalmente a expressão da problemática dos pacientes e possíveis formas de lidar com esta problemática. Ao iniciar a letra da canção com esse grupo de paciente, a primeira frase sugerida por um dos pacientes foi “desculpa mãe por estar usando pedra”. Essa frase foi muito direta e expressava a narrativa de todos os pacientes que estavam ali. Todos os pacientes concordaram que esta deveria ser a primeira frase da música. A metáfora narrativa aqui é muito clara, o texto da canção expressa metaforicamente um pedido de desculpas e uma frustração pelo momento vivenciado pelo paciente. Além disso, é interessante que os pacientes escolheram o rap como estilo musical para esta canção. Historicamente, o rap é utilizado como forma de protesto e de insatisfação. Justamente, os pacientes manifestaram na sua letra o seu protesto e a sua insatisfação pela situação vivida. Portanto, o estilo

musical também expressava metaforicamente os sentimentos que os pacientes gostariam de manifestar na sua composição musical.

No caso da utilização do conceito de metáfora narrativa para a composição de canções dentro de uma prática de avaliação, eu recomendo que o registro final da avaliação possa ser feito através de um texto descritivo que facilite a percepção dos diferentes acontecimentos, inclusive para outros profissionais fora do contexto da musicoterapia (GATTINO ET AL, 2018). Outra possibilidade, em termos de formato de uma avaliação para utilizar o conceito de metáfora narrativa, é através do modelo de revisão de uma canção por análise temática (BAKER, 2018). Essa proposta de análise é importante tanto para a pesquisa quanto para a prática clínica em musicoterapia. Neste modelo o musicoterapeuta primeiro define pontos relevantes da letra, melodia ou harmonia. Em seguida, o musicoterapeuta estabelece códigos (que podem ser sentimentos ou assuntos oriundos letra, melodia ou harmonia). No momento seguinte, o musicoterapeuta verifica os códigos e procura definir temas oriundos desses códigos. Normalmente os temas são menos específicos que os códigos e podem incluir todos os códigos em distintas categorias. A partir da definição dos códigos o musicoterapeuta irá criar conexões entre os temas e os códigos. A parte seguinte é a interpretação dos temas e códigos. É exatamente nesta parte que o conceito de metáfora narrativa é utilizado para poder explicar como ou porque os temas e códigos dizem respeito à história do paciente. Por fim, o musicoterapeuta pode fazer uma conclusão do que aconteceu neste processo de estudo da canção.

### **Conclusão**

O conceito de metáfora narrativa em musicoterapia é um divisor de águas na maneira em que se explica as experiências musicais em musicoterapia e difere de forma clara da concepção de metáfora espacial amplamente utilizada em musicoterapia. A metáfora narrativa tem um entendimento simples, mas ao mesmo tempo profundo sobre como o musicoterapeuta pode analisar e interpretar o que ocorre em musicoterapia. Os dois exemplos aqui trazidos como possíveis utilizações do conceito de metáfora em musicoterapia são levemente diferentes daqueles já apresentados por Barcellos em seus estudos anteriores. No entanto, eles trazem uma clara visualização de como podem ser aplicados na práxis do musicoterapeuta. É importante que mais musicoterapeutas possam utilizar e

publicar sobre este conceito de metáfora narrativa, dada a sua flexibilidade e utilização a partir de diferentes teorias.

O texto aqui não permite dimensionar a grandeza da obra da musicoterapeuta Lia Rejane Mendes Barcellos, mas oferece ao menos uma razão para que os musicoterapeutas, estudantes de musicoterapia e qualquer pessoa interessada na musicoterapia tenha vontade de conhecer cada vez mais a obra incrível desta musicoterapeuta. Fica aqui a minha homenagem e o meu total agradecimento pelas contribuições desta musicoterapeuta para a história da musicoterapia.

### Referências

AMERICAN MUSIC THERAPY ASSOCIATION, et al. **AMTA standards of clinical practice**. URL: <http://musictherapy.org/about/standards>, 2013

BAKER, Felicity Anne, et al. **A group therapeutic songwriting intervention for family caregivers of people living with dementia**: a feasibility study with thematic analysis. *Frontiers in medicine*, 2018, vol. 5, p. 151.

BAKER, Felicity. **Therapeutic songwriting**: Developments in theory, methods, and practice. Springer, 2016.

BARCELLOS, Lia Rejane M. A música como metáfora em musicoterapia. Janeiro, 2009, 229f. Tese. (Doutorado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

BARCELLOS, Lia Rejane M. **Music, Meaning, and Music Therapy under the Light of the Molino/Nattiez Tripartite Model**. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, [S.l.], v. 12, n. 3, oct. 2012. ISSN 1504-1611.  
Available at: <<https://voices.no/index.php/voices/article/view/677/566>>. Date accessed: 13 Jul. 2018. doi:10.15845/voices.v12i3.677.

BRUSCIA, Kenneth E. **Improvisational models of music therapy**. Charles C Thomas Pub Ltd, 1987.

GATTINO, G, JACOBSEN, S. L., & STORM, S. **Music Therapy Assessment Without Tools**: From the Clinician's Perspective. In Jacobsen, S. L, Waldon, E. & Gattino, G (eds) *Music Therapy Assessment*. London: Jessica Kingsley Publishers, 2018. (in press)

BONDE, L. O., Metaphor. In. KIRLAND, K (ed). **International Dictionary of Music Therapy**. London: FISH Books, 2013. p.73.

KIRLAND, K (ed). **International Dictionary of Music Therapy**. London: FISH Books, 2013.

SMEIJSTERS, Henk. **Analogy and metaphor in music therapy**. Theory and practice. Nordic Journal of Music Therapy, 2012, vol. 21, no 3, p. 227-249.

SOWDEN, Paul T., et al. Improvisation facilitates divergent thinking and creativity: Realizing a benefit of primary school arts education. Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts, 2015, vol. 9, no 2, p. 128.

WALDON, E. & GATTINO, G. **Assessment in Music Therapy**: Introductory Considerations. In Jacobsen, S. L, Waldon, E. & Gattino, G (eds) Music Therapy Assessment. London: Jessica Kingsley Publishers, 2018. (in press)